

## Condecorações no Batalhão de Caçadores 141 – DAMBA

### 6 Cruzes de Guerra



Alferes Mil.º Leonildo Cirilo Monteiro, natural de Ribeira Grande – Cabo Verde



Furriel Mil.º José Manuel Gonçalves Dias, natural do Funchal - Madeira



Soldado n.º 205/61, António Júlio Branquinho, de Torre de Moncorvo – Trás-os-Montes



Soldado n.º 275/61, Apolínio Catraeiro da Cruz, natural de Samora Correia - Ribatejo



Soldado n.º 284/61, Armindo Pereira Francisco, natural de Grândola - Alentejo



Soldado n.º 287/61, António João Monteiro Madeira, natural de Castro Marim - Algarve

No dia 9 de Março de 1962 deslocou-se a DAMBA o Comandante Chefe das Forças Armadas de Angola, General Venâncio Deslandes acompanhado pelo Comandante da Região Militar, General Holbeche Fino, pelo Comandante do Sector 2, Coronel Tirocinado Santos Paiva e por muitos outros Oficiais Superiores, a fim de condecorar com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe seis militares do Batalhão de Caçadores n.º 141 por se terem distinguido em combate contra os terroristas na Região do Rio COJI.

Perante uma formatura das forças aquarteladas em DAMBA, com a presença das autoridades locais e da população europeia e indígena da região, sobressaindo os sobas com as suas vistosas fardas, procedeu-se à soleníssima cerimónia.

## O Batalhão de Caçadores 141 – As seis Cruzes de Guerra



Os feitos praticados em combate pelos militares que iam ser condecorados encontram-se perfeitamente descritos na singeleza da redacção dos louvores concedidos e que, após a sua chamada, foram lidos por um oficial do Comando do Batalhão:

*«Louvo o Alferes Leonildo Cirilo Monteiro, da Companhia de Caçadores n.º 144 do Batalhão de Caçadores n.º 141 por no dia 11 de Setembro de 1961, quando percebeu um momento de hesitação dos seus inferiores, se ter lançado ao rio COJI que atravessou a nado sob o fogo inimigo, nadando com uma só mão e segurando com a outra a sua arma, o que fez com que imediatamente fosse seguido por cinco subordinados, à frente dos quais se lançou em perseguição do inimigo que foi alvejado a tiro e obrigado a retirar, desistindo de continuar em sua perseguição somente por falta de munições, demonstrando decisão, desembaraço e muita coragem».*

Seguidamente foram chamados:

Furriel Mil.º José Manuel Gonçalves Dias

Soldados n.ºs 205/61, António Júlio Branquinho

275/61, Apolínio Catraeiro da Cruz

284/61, Armindo Pereira Francisco

287/61, António João Monteiro Madeira

## O Batalhão de Caçadores 141 – As seis Cruzes de Guerra

todos da Companhia 144 do Batalhão de Caçadores 141 louvados «por no dia 11 de Setembro de 1961 ao ver lançar-se o seu Comandante de Pelotão ao rio COJI para atravessar sob o fogo inimigo, imediatamente lhe seguiu o exemplo colaborando na perseguição do inimigo que foi alvejado a tiro e obrigado a retirar, demonstrando nítida compreensão dos seus deveres, desembaraço, espírito de sacrifício e valentia».



O Capitão de Infantaria Horácio Loureiro Lopes Rodrigues, comandante da CCac144, a condecorar um dos militares.

O Sr. General Venâncio Deslandes, Comandante-Chefe colocou no peito dos militares a condecoração ganha tendo o Comandante do Batalhão, Tenente-Coronel Jorge Pereira de Carvalho, pronunciado uma alocução da qual destacamos as seguintes passagens:

«Ao Batalhão 141:

Acaba de se realizar uma cerimónia que há mais de 40 anos não é realizada no nosso País. Não posso dizer, se feliz, se infelizmente. Só quero aqui acentuar, que estes homens, que passam a ostentar no seu peito a Cruz de Guerra, simbolizam todos aqueles que em Angola ou em qualquer Outra parte, defendem como juraram, a integridade do solo da nossa Pátria.

Todos nós do Batalhão estamos orgulhosos por saber que entre nós há seis Cruzes de Guerra.

Repito:

É uma oportunidade que se ofereceu, é uma oportunidade que foi aproveitada. Eu suponho que não erro ao dizer que actualmente e este o Batalhão mais condecorado em Angola e, suponho, em todo o território Nacional.

## O Batalhão de Caçadores 141 – As seis Cruzes de Guerra



## O Batalhão de Caçadores 141 – As seis Cruzes de Guerra

Isto que aconteceu agora e, como disse há pouco, há mais de 40 anos não acontecia, estou convencido que se vai repetir neste Batalhão e nos outros, porque, no fundo, somos todos os mesmos, todos nascemos na mesma terra, todos somos irmãos, todos temos as nossas obrigações, todos temos os mesmos defeitos e todos temos as mesmas supremas qualidades, prontos a amar a nossa Pátria, defendê-la, estar pronto a morrer e a dar o sangue por ela, seja quando, como e onde for».

Seguidamente dirigiu-se às tropas o General Comandante-Chefe, que terminou a sua brilhante alocução com as seguintes palavras:

«Para terminar, quero-vos apenas dizer que todos nós contamos convosco e que temos a certeza que não se passará muito tempo em que aqui não tenhamos de voltar para pôr ao peito de mais valentes a Cruz de Guerra que coube agora àqueles que ali se encontram.

É a confiança cega no patriotismo dos portugueses que assim me faz falar. É a certeza de que aquelas virtudes do Exército Português, que enchem as páginas da nossa História, e não em sítios por vezes muito longe deste, se mantêm quando os chefes souberam conduzir os seus homens e lhes souberam comunicar aquele ardor do povo português, quando a Pátria está em perigo. Foi a manifestação mais pura, mais grandiosa, que maior satisfação poderia dar a quem tem responsabilidades de comando, foi a manifestação mais pura -dizia - que há um ano se podia esperar quando o povo inteiro de Portugal que sois vós, que são os vossos pais, as vossas mães, as vossas noivas e as vossas irmãs, vibrou em uníssono de indignação com o golpe que nos quiseram vibrar aqui em Angola. Estou certo que não passará muito tempo em que não tenha o grande prazer de poder condecorar outros de vós.

Que esse dia venha depressa, porque é a prova melhor de que estes homens continuam a cumprir como até aqui o seu dever».

